

Educomunicação e Jornalismo: uma análise das relações Comunicação/Educação em MS¹

Profa. Dra. Rose Mara Pinheiro²

Resumo: O objetivo deste artigo é identificar a pertinência da educomunicação para os cursos de jornalismo, fundamentada na experiência realizada no curso de jornalismo em Mato Grosso do Sul. Tendo como referência autores como Braga, Huergo, Medina, Meditsch, Faraco e Soares, a reflexão perpassa o impacto das mídias móveis no ensino de jornalismo focado no evento realizado na UFMS em março deste ano sob o tema “Jornalismo, Tecnologia e Educação”. Na ocasião, professores, alunos e profissionais do estado de Mato Grosso do Sul se reuniram para avaliar as consequências das transformações ocorridas no exercício profissional do jornalista, seu papel na sociedade e os novos desafios do século 21. Um dos pontos foi o diálogo entre docência, meios de comunicação e novas tecnologias e a sala de aula. Se as técnicas e dispositivos móveis já dominam as relações sociais como um todo, em sala de aula o diálogo entre professores e alunos também será mediado pelas tecnologias. A questão também envolve a polêmica em torno do uso instrumental dos meios de comunicação e a própria adequação dos planos de ensino e metodologias aos novos modelos.

Palavras-chave: Educomunicação. Jornalismo. Tecnologias.

Introdução

Ampliar a capacidade de reflexão dos alunos é o papel do ensino superior, contribuindo para a construção de argumentos e pensamentos mais críticos, inclusive sobre as maneiras de participação ou compartilhamento de informações nas redes sociais.

Esse papel é ainda mais relevante num curso de comunicação e especialmente de jornalismo, porque tratam especificamente dos processos de comunicação na sociedade contemporânea. Por isso, as experiências com os dispositivos móveis

¹ Artigo enviado na modalidade Jornalismo e Mídias Móveis

² Graduada em Jornalismo; Especialista em Comunicação e Educação / ECA-USP; Mestre em Processos Comunicacionais / UMEP; Doutora em Ciência da Comunicação / ECA-USP. Professora do curso de graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM da UFMS. E-mail: rose.pinheiro@ufms.br

devem fazer parte da preocupação dos professores, não apenas em suas pesquisas acadêmicas, mas principalmente nas relações em sala de aula e com os alunos.

Para Braga (2001), o papel da comunicação é relevante em função do “desenvolvimento de processos mediáticos e geração de procedimentos públicos”, além do que o próprio ângulo comunicacional tem aumentado sua presença em espaço e atividades da sociedade, decorrente da “forte intensidade, diversidade e rapidez com que a *interacionalidade mediatizada*³ se inscreve em todas as atividades humanas e sociais”. Para ele, essa crescente participação da comunicação justifica repensar a função da escola e sua metodologia.

É com esse foco que Braga situa a sociedade mediatizada, que não apenas acrescenta instrumentos, mas altera seus processos de comunicação a partir das mediações tecnológicas que desenvolvem as interações sociais. As características de inclusividade e penetrabilidade da comunicação modificam percepções e trazem novas experiências (“tentativas”) de construção do social.

Com as mudanças provocadas no século XX, a escola, que sempre se moveu sobre “linhas de tensão” com a sociedade, se depara com novas questões e desafios, como por exemplo “formar para a mudança”. Aqui Braga enfatiza uma dupla perspectiva: “a meta de educar para mudar a sociedade e a meta de educar para uma sociedade em mudança”. Outro exemplo de tensão é a educação voltada para os valores culturais e para a vida em geral em contraste com uma educação para o desenvolvimento, produtivista e especializante. No final, o que se entende é que não há mais padrões, normas universais e generalizantes. A diversidade, o local, a descentralização, a individualidade promovem e dinamizam a relação da educação com a sociedade.

³ Braga propõe o uso da expressão interacionalidade em substituição à palavra interatividade, por considerar que esta última se restrinja ao tipo conversacional. Interacionalidade mediatizada seria então todos os tipos de interação promovidos ou possibilitados pelos meios de comunicação. “Na interacionalidade mediatizada ampla, o que importa mais é a situação de grupos e pessoas interagindo sobre produtos mediáticos, percebidos como disponibilidades sociais”. (BRAGA&CALAZANS, 2001, p.29)

“A escola se encontra em uma profunda crise de hegemonia”, enfatiza Huergo (2000), afirmando a presença massificadora dos meios, mas apresentando um novo elemento para essa alteração:

Vivemos hoje uma acelerada revolução das percepções, das práticas, das representações e dos imaginários; mas não são tanto os meios e as tecnologias os que desafiam a escolarização, senão a *tecnicidade* e a *cultura mediática* na trama da cultura social. (...) O cenário educativo está testemunhando a impotência da racionalização. (2000, p. 15)

Por outro lado, Huergo aponta para um projeto transversal de Comunicação/Educação, pensando em duas abordagens distintas: a profundidade dos estudos culturais da comunicação **na** educação e a construção criativa de uma pedagogia crítica das mediações culturais. “Necessitamos atualizar e aprofundar a desconstrução/crítica da escolarização e da tecnoutopia, desde uma genealogia da cultura latino-americana” (2000, p. 19).

Outro ponto fundamental para a questão da “comunicação para a educação” é a exagerada expectativa atribuída às tecnologias.

A ilusão de que as redes tecnológicas produzem uma democracia direta, uma comunicação social harmoniosa e um mundo melhor. É possível religar (com a carga religiosa) a tecnologia com a felicidade humana. (...) A tecnoutopia tem contribuído a imaginar que é possível a construção de redes de comunicação transparente. Ao separar a tecnologia da cultura, separa a comunicação dos processos culturais. É a partir desta formação cultural emergente que se tem reforçado o sentido de Comunicação para a Educação, que contém a crença de que a comunicação implica transparência, entendida como clareza, isto é, como o contrário da opacidade dos processos socioculturais. (HUERGO, 2000, p. 11)

Huergo esclarece o sentido de transparência na afirmação acima: como acordo (forma atenuada de compromisso social); como possibilidade de retroalimentação ou *feedback*; como construção de uma comunidade ideal de comunicação, consagrando o caráter ativo das audiências; e como interação microeconômica. Entretanto, para Huergo, estaríamos diante de “uma sociedade depredadora, que forja as identidades violentamente em torno das idiosincrasias do marketing e do consumo”. (2000, p. 14)

Medina (2006) complementa que a crise de “degenerescência” no jornalismo traz embutida uma ruptura entre os especialistas e as múltiplas sabedorias, que precisam encontrar seus “elos perdidos” para “darem outras respostas aos impasses históricos”. Nesse momento de sociedade em transição, não bastam tradicionais ou já conhecidas fórmulas e discursos. É necessário repensar procedimentos, técnicas e diretrizes.

No ensino de jornalismo, a crise de paradigma se faz mais alarmante, uma vez que há uma necessidade de redimensionamento de suas próprias técnicas e tecnologias de difusão, passando pela linguagem e pela prática profissional.

Há, sim, demandas sociais que pressionam um outro perfil de profissional - muito mais complexo do que o perfil do jornalista liberal. As crescentes organizações da sociedade formal, a retribalização da sociedade informal, toda a reorganização dos Estados e do mundo empresarial, as novas dimensões do trabalho e a consciência ambiental são alguns dos desafios da antiga aldeia global. As tecnologias da sociedade da informação são facilmente assimiladas; já a visão de mundo e as ferramentas da inteligência natural muito lentamente se abrem para o signo da relação. (MEDINA, 2006, p. 14).

Com a consolidação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, colocada em prática desde o segundo semestre de 2015, a formação do profissional de jornalismo foi revista em função do “contexto de uma sociedade em processo de transformação”.

“O acelerado potencial difusor das tecnologias de informação produziu novos ordenamentos sociais, novos comportamentos culturais e novas relações de poder” (BRASIL, 2009, p. 4). Nesse cenário, como apregoam as mesmas diretrizes, é necessário repensar conceitos “éticos, técnicos, estéticos para uma nova compreensão do jornalismo”.

O estado de crise resulta da superação de tais conceitos pela realidade nova moldada no ambiente criado pelas modernas tecnologias de difusão. E a mais importante decorrência da vertiginosa evolução tecnológica é, sem dúvida, a irreversível expansão de práticas e estruturas de democracia participativa, com sujeitos sociais dotados de alta capacidade de intervenção na vida real de nações e pessoas. BRASIL, 2009, p. 5-6)

É, por isso, que o desafio do ensino e da prática do profissional de jornalismo é ainda mais contundente, fortalecendo o senso de urgência sobre as relações dentro e fora

da sala de aula entre professores, alunos e profissionais. Uma vez que ainda “há dúvida quanto ao papel tradicional do jornalista frente à internet” (HERSCOVITZ, 2003, p. 19). Não estamos falando aqui de repensar a estrutura que já contempla o uso intensivo de tecnologias de comunicação, mas, além disso, o que fazer com a mediação tecnológica que transforma as relações professor-aluno; aluno-aluno; professor-professor.

Nesse sentido, e reforçado por Medina (2006), precisamos aprender no curso de jornalismo o novo conceito de ensino-aprendizagem, que “se caracteriza pela ação, e não pela verbalização do conhecimento” (p. 172). As DCNs, então, vêm ao encontro dessa transformação, instituindo como norte para os cursos de jornalismo em todo o território nacional o uso de 'metodologias que privilegiem a participação ativa do aluno' com o objetivo de, entre outras, formar profissionais dotados de “competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão” (p. 15).

Chama a atenção, evidentemente, que é preciso discutir a metodologia do ensino de jornalismo e a participação do corpo discente. Interessante observar, como previsto nas DCNs, que esse novo processo de ensino desafia as relações com os professores.

O processo de ensino-aprendizagem na universidade é acima de tudo um relacionamento humano professor-aluno e aluno-aluno. Então, o processo, ao ser realmente assumido, exige uma pesquisa científica que ocupa um lugar importante no trabalho do professor. Por isso, não adianta falar numa nova metodologia de ensino no jornalismo sem considerar os aspectos elementares do didático, aspectos que, pela nossa formação tradicional, tendemos a ignorar. (MEDINA, 2006, p. 176-177)

Como um paradoxo, a crescente utilização das redes sociais por toda a sociedade, o que inclui evidentemente professores e alunos, reforça a necessidade de uma relação em sala de aula mais próxima e dialógica. O papel do professor e da escola/universidade ganha uma nova dimensão, extraindo do seu viés de repertório intelectual para uma prática acadêmica social, que não tem sido aprendida nos cursos de didática de ensino superior. Uma prática pedagógica que envolve a conhecimento do outro, a avaliação como processo gradual e a relação de individualidade, com suas habilidades e dificuldades.

Claro que esse desafio fica impossibilitado em salas de aula repletas de acadêmicos, com distintos desejos, perspectivas e expectativas em relação ao ensino. O papel do professor fica ainda mais em xeque, em termos de conhecimento e diálogo individual de seus alunos.

Entretanto, como afirma Medina (2006, p. 181):

Não há mais dúvidas de que o centro do processo de ensino-aprendizagem se desloca do professor e seus conhecimentos a transmitir para o grupo de alunos em trabalho criativo, elaborando experiências e conhecimentos, através de uma interação social em que o professor apenas orienta e, sobretudo, observa o processo.

Não basta instituir a tecnologia como mediadora se a prática pedagógica continuar distante do processo de ensino-aprendizagem. Cada um de nós aprende de uma forma e tem uma maneira peculiar de adquirir conhecimento. O professor, em tempos de uma sociedade em transição, precisa:

(Precisamos) o quanto antes abandonar a ênfase na busca de conhecimentos a serem transmitidos e ingressar na pesquisa consciente do processo de ensino-aprendizagem. O processo é tão ou mais importante que as fórmulas do conhecimento. Enquanto não assumirmos essa posição, estaremos tentando fabricar jornalistas ou comunicadores 'eruditos', incapacitados para enfrentar os desafios do futuro, porque passaram por uma pseudo-aprendizagem. (MEDINA, 2006, p. 187).

O Evento

Nos dias 17 e 18 de março de 2017, o evento Jornalismo, Tecnologia e Educação reuniu mais de 150 docentes e acadêmicos dos cursos de jornalismo de Mato Grosso do Sul, além de pesquisadores e profissionais de comunicação da região no complexo Multiuso, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O encontro trouxe à tona a necessidade de reflexão sobre o diálogo em sala de aula, mediado pelas tecnologias, e frente às DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) do curso.

Como projeto de extensão, com investimento da Fundação de Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect), o evento teve como objetivo principal refletir sobre o impacto das mídias móveis no ensino de jornalismo. Em paralelo, como objetivos específicos:

- Entender o cenário e os desafios do ensino e do exercício do jornalismo em Mato Grosso do Sul;
- Promover o entendimento sobre as transformações ocorridas no jornalismo, casos da Agência Pública, Canal Futura, entre outros;
- Fortalecer o diálogo entre professores, profissionais e alunos em relação à formação do profissional;
- Discutir sobre as competências necessárias para uma alfabetização em mídia na perspectiva da educomunicação;
- Ampliar o entendimento sobre o conceito da educomunicação.

Um dos pontos positivos do evento foi a sua própria concepção, que permitiu a participação de professores e acadêmicos na construção da proposta. Todos os cursos de jornalismo foram convidados a participar. Atualmente, o estado possui faculdades de jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), na Universidade Estácio de Sá (Estácio), na Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp/Anhanguera), todas em Campo Grande, e na Faculdades Integradas de Três Lagoas (AEMS), em Três Lagoas.

A palestra de abertura “Caminhos do Jornalismo” contou com a presença da jornalista Natália Viana, da Pública – Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo, e o jornalista José Brito Cunha, gerente de Distribuição do Canal Futura.

As discussões iniciais mostraram as transformações ocorridas no processo de produção jornalística e também a interação com as audiências. A alteração da própria audiência exige a mudança do jornalista e do veículo de comunicação na forma de oferta da informação.

Os sujeitos, individuais na qualidade de membros de uma audiência, concretizam ‘estratégias televisivas’ inspiradas em primeiro lugar no que lhes é característico como indivíduos para, em seguida, concretizar também ‘contratos de recepção’ (leitura ou escuta) a partir de onde se conectam com os de outros, formando ‘comunidades de apropriação e de interpretação’ dos referentes televisivos. Por esse motivo, a recepção televisiva, por mais individualizada que pareça, é um processo altamente culturalizado, na medida em que a sobrevivência supõe ter grupos de interlocução (de apoio, de referência, de identificação etc), em cuja ressonância se experimenta e qualifica a experiência. (OROZCO GÓMES, 2014, p. 37)

Dessa maneira, há necessidade de transformação daquilo que é oferecido tanto pela televisão quanto pelos meios de comunicação em geral. Foi isso, por exemplo, que explicou o gerente de distribuição do Canal Futura, quando afirmou que os dispositivos móveis assumiram o lugar de primeira tela, deixando a televisão em segundo plano. Em função disso, Brito contou sobre as diferentes plataformas utilizadas pela emissora para assegurar a audiência de suas produções.

Nesse sentido, a Pública vem consolidando uma linguagem diferenciada na produção de reportagens profundas, que parecem ir na contramão do discurso jornalístico contemporâneo, sobretudo em um veículo on-line. Ao invés de textos curtos e mais interativos, a agência aposta na cobertura mais longa, com vários dias de apuração e diferentes pontos de vista.

A apresentação dos dois formatos diferenciados de proposta jornalística suscitou inúmeras indagações na plateia presente, desde os recursos financeiros até o retorno das audiências específicas de cada meio. O debate foi muito rico e antecipou as discussões sobre o jornalismo que se pratica no país e especialmente em Mato Grosso do Sul.

Na manhã do dia 18, o evento foi marcado pela discussão “Desafios do Ensino e Exercício do Jornalismo em MS” sobre o jornalismo regional, numa mesa em que dialogaram a universidade, o mercado e a entidade de classe. Entre as discussões, uma das que mais fomentou o diálogo foi a necessidade de formação profissional para o mercado de trabalho. A polêmica girou em torno da possibilidade de transformação da profissão pela universidade, que se fundamenta na formação de um profissional mais bem preparado e crítico. Participaram da mesa de discussão a professora doutora Katarini Giroldo Miguel (UFMS), o jornalista Victor Barone (editor do jornal O Estado MS) e Daniela Benante (Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso do Sul).

Na sequência da discussão, o professor doutor Ismar de Oliveira Soares apresentou “A contribuição da educomunicação para o ensino superior”, ressaltando que o diálogo e a gestão democrática e participativa são chaves para as práticas transformadoras. Nesse sentido, Soares mostrou a relevância e a pertinência do paradigma

educativo para equilibrar o tripé educação-comunicação-tecnologia. Em sua fala, ele mostrou inúmeros exemplos de projetos que conseguem apontar novos caminhos mais libertários e protagonistas para os jovens profissionais do século 21.

Durante a tarde, os participantes foram divididos por disciplinas para discutir o impacto das tecnologias em cada uma delas: rádio, tv, internet, impresso, fotografia e planejamento gráfico, teorias. Um professor de cada universidade presente mediou o debate, provocando a discussão a partir de sua própria experiência e do seu entendimento sobre a importância das relações em sala de aula.

No encerramento do evento, os professores mediadores relataram as discussões e levantaram as propostas que surgiram em cada disciplina para avanços na reflexão sobre as mediações a partir das tecnologias e dispositivos móveis em sala de aula. A principal dúvida que permeou o debate foi como inserir os dispositivos móveis como parte das metodologias ativas dentro das dinâmicas de cada disciplina e processo de ensino-aprendizagem de cada professor, adequando as linguagens e entendendo o aluno como um elemento ativo e protagonista nesse processo.

Em síntese, o evento foi um marco na integração de todos os cursos de jornalismo da região numa busca comum para o ensino de qualidade, que vise o novo profissional e tenha como premissa uma experiência democrática e positiva em sala de aula, mediada pelas tecnologias.

Considerações finais

Nos cursos de jornalismo, mais do que qualquer outro, por lidar diretamente com a comunicação, deve ser evidenciada a ideia de reciprocidade e não o conceito estanque de transferência de saber. A proposta é resgatar o pensamento de Paulo Freire sobre o conceito de comunicação: “encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (Freire, apud MEDITSCH e FARACO, 2003, p. 27).

Em um de seus mais recentes trabalhos, Soares (2011)⁴ define a educomunicação como “um *paradigma* na interface comunicação/educação”, que pretende atingir pelo menos três objetivos: (1) ampliar a discussão sobre a influência e relacionamento dos sujeitos e o sistema midiático, tanto para análise quanto para a utilização de dispositivos tecnológicos em sala de aula; (2) incentivar e consolidar “ecossistemas comunicativos nos espaços educativos”, o que pressupõe uma gestão “democrática dos processos comunicativos”; e (3) fortalecer a capacidade de expressão dos indivíduos e grupos.

Nessa perspectiva, o conceito aplica-se tanto ao exercício de uma observação atenta sobre a presença dos sistemas de meios de comunicação numa sociedade em mudanças, promovendo sua “leitura” e “uso” (proximidade com o conceito de “educação para os meios”), quanto ao pleno exercício da liberdade de expressão dos sujeitos sociais em inter-relação nos diferentes espaços educativos (proximidade com a prática da “gestão de processos comunicativos”).

A educomunicação vai além de tornar a aula mais agradável ou mais próxima dos educandos, a partir do momento em que se preocupa tanto com uma Leitura Crítica Dos Meios quanto com o diálogo, o processo e a relação professor-aluno, bem como a comunidade que faz parte ou participa desse movimento.

Há necessidade de uma análise mais profunda sobre a utilização das novas tecnologias e principalmente das formas que elas podem ser trabalhadas para ampliar o índice de aprendizagem e reflexão, exigidos pelos cursos de graduação. A educomunicação pode oferecer subsídios para pensar os fenômenos de ensino-aprendizagem numa sociedade ainda mais impactada pelos dispositivos tecnológicos móveis.

Para a educomunicação, focalizada historicamente em modificar a interpretação dos produtos midiáticos feita pelas audiências, o desafio contemporâneo maior é, agora também e principalmente, formar as audiências para assumirem-se como emissores e interlocutores reais, não somente simbólicos dos meios e dos demais produtos intercambiados nas redes sociais. Se antes foi fundamental formar para a recepção, agora é imprescindível formar também para a emissão e produção criativas. (...). Os novos participantes na comunicação têm de aprender a ser comunicadores. E isso é um

⁴ Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina. (no prelo)

desafio complexo, político, cultural e socioeconômico, mas que começa com a comunicação e a educação. (Adilson Citelli e Maria Isabel Orofino. In: OROZCO GÓMES, 2014, p. 33)

Entender essa mudança da audiência é fundamental para os novos profissionais da comunicação e, sobretudo, os jornalistas.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz & CALAZANS, Maria Regina. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 482, de 15 de Outubro de 2014. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS**. Campo Grande: UFMS, 2014. Disponível em <https://bse.ufms.br/> Acesso em 10/03/2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 1**, de 27 de setembro de 2013. Brasília: Diário Oficial da União, 2013, seção 1, p.26.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo**. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação. 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf Acesso em 10/03/2017.

HERSCOVITZ, Heloiza G. **A internet e o futuro dos jornalistas**. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. v. 26, n. 1, jan./jun. de 2003. São Paulo: Intercom, 2003, pp. 11-24.

HUERGO, Jorge. "Comunicación/Educación: itinerarios transversales". In: VALDERRAMA, Carlos Eduardo. **Comunicación-educación: coordenadas, abordajes y travesías**. Bogotá: Universidad Central, 2000, p. 3-25.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDITSCH, Eduardo e FARACO, Mariana Bittencourt. **O pensamento de Paulo Freire sobre jornalismo e mídia**. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. v. 26, n. 1, jan./jun. de 2003. São Paulo: Intercom, 2003, pp 25-46.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. São Paulo: Paulinas, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina**. (no prelo)

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.